



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

EDITORIAL

Para Vítor Westhelle (1952-2018), in memoriam

Rudolf von Sinner, editor-chefe
Júlio César Adam, editor convidado

Apresentamos às nossas leitoras e aos nossos leitores a presente edição dos Estudos Teológicos com um dossiê sobre *Decolonialidade e práticas religiosas*. À alegria pela publicação mistura-se a tristeza por uma grande perda. Dedicamos esta edição ao colega Vítor Westhelle, que nos deixou muito prematuramente e veio a falecer em 13 de maio deste, vítima de grave doença. Vítor, egresso da EST, foi professor na Lutheran School of Theology at Chicago, de 1989 a 1993 e de 2011 a 2016 na Faculdades EST, por último na Cátedra de Pesquisa em Lutero. Integrava o Conselho Editorial dos Estudos Teológicos. Como poucos, Vítor conseguia combinar erudição e amplo conhecimento dos pré-socráticos, de Lutero e de Hegel até a Teologia da Libertação e teóricos pós-modernos, com sensibilidade contextual e preocupação decolonial. Mestre ímpar da palavra nas suas prédicas, aulas e conferências, interessou-se de modo especial pelas fissuras, liminalidades e marginalidades. Com grande sensibilidade ouvia e ecoava os gritos das pessoas e populações invisibilizadas. Acompanhou e orientou estudantes de forma competente e sempre atenciosa, com olhar crítico, interessado em propiciar crescimento. Procurado conferencista no mundo inteiro, foi professor visitante na Dinamarca e na África do Sul, colaborou com o departamento de Teologia da Federação Luterana Mundial e colocou o luteranismo e a perspectiva latino-americana sobre Lutero no cenário mundial. Ainda soube da outorga, pela Faculdades EST, do título de doutor *honoris causa*, reagindo com “surpresa e uma boa dose de humildade”, aceitando o título com “alegria e gratidão”. Infelizmente, não conseguiu mais fazer-se presente na solenidade. O título foi recebido, em ato memorial, durante o IV Congresso Internacional da Faculdades EST, em 12 de setembro, pelo seu filho mais novo, Felipe. A revista Estudos Teológicos honrará, sempre, a memória e o legado do Vítor e expressa seus sentimentos à família enlutada, à esposa Christiane, seus filhos Carlos Henrique, André e Felipe, suas noras e netas e demais familiares, amigos e amigas.

No ano de 2014, durante o II Congresso Internacional da Faculdades EST, recebemos a visita do então presidente da Academia Internacional de Teologia Prática (*Internacional Academy of Practical Theology* - IAPT), o sul-africano Jacob Dreyer, o qual desafiou a Faculdades EST a sediar a conferência da academia em 2019. Seria a

primeira vez que a conferência ocorreria na América do Sul. O desafio foi assumido não só pela instituição, mas também por um grupo de professores e pessoas pesquisadoras, os quais decidiram sediar o evento e também ampliar a reflexão em torno da Teologia Prática e áreas afins. Esse editorial faz parte desse implemento! A revista Estudos Teológicos já havia acolhido um dossiê sobre Teologia Prática, em 2016 (v. 56, n. 2), que tinha como objetivo retomar discussões sobre a área e a disciplina. O presente dossiê amplia a discussão para toda a Teologia e a partir do tema da conferência no Brasil. Na conferência de 2017, em Oslo, a academia deliberou sobre o tema do evento em 2019 e chegou à formulação “Decolonialidade e práticas religiosas: libertando a esperança”.

O tema da conferência da IAPT, que é o tema do presente dossiê, reflete a elaboração teológica desenvolvida no contexto latino-americano, especialmente as teologias contextuais e da libertação, a efervescência religiosa presente em nossa realidade, tradições cristãs, tradições de matriz-africana e indígena, a religião vivida na cultura, política e sociedade, bem como a permanente busca pela esperança e libertação. A busca por libertação torna-se premente diante da onda conservadora, de intolerância e de ódio que cresce no Brasil e no mundo, nos últimos tempos. O conceito da decolonialidade em relação com a religião e a Teologia, por sua vez, tem se tornado relevante nos mais diferentes contextos. Mais que um conceito, a poscolonialidade, decolonialidade ou descolonialidade – não definimos um termo único nesse editorial e no dossiê – é um nova maneira de perceber a realidade local e global a partir de suas diferenças, sutilezas, diversidades, fragmentaridades, alteridades, rompimentos e alternativas sociais, culturais, corporais, sexuais, políticas e religiosas, e não apenas do estabelecido e do padronizado. Como diz Panotto,

[...] hablar de poscolonialidad significa cuestionar y deconstruir las dinámicas de identificación que ambicionan las fuerzas coloniales, exponiendo sus propias debilidades a través de las heterogeneidades inscriptas en tal Sujeto, con la intención de visibilizar las intrínsecas bifurcaciones que caracterizan el contexto global, las cuales permiten su constante maleabilidad, transformación y apertura hacia nuevas formas de construcción sociocultural.¹

O dossiê traz como primeiro artigo uma discussão com o *buen vivir*, como princípio a partir do qual se pode refletir sobre a chamada epistemologia do sul. A relação se dá especificamente com a Teologia Prática, entendendo que esta pode aprender de diferentes cosmovisões e de práticas sociais que emergem das antigas tradições culturais latino-americanas. O artigo *Pensamento na fronteira e Teologia Prática: um diálogo com o suma kawsay / suma qamaña ou buen vivir*, foi escrito por Júlio César Adam, Valburga Schmiedt Streck e Danilo Romeu Streck.

Nicolás Panotto, no artigo *Dios entre-medio de las fronteras: hacia una Teología Pública poscolonial*, introduz noções gerais da teoria pós-colonial, especialmente com base em Homi Bhabha, aplicando-as às dinâmicas sócio-políticas contemporâ-

¹ PANOTTO, Nicolás. *Religión, Política y Poscolonialidad en América Latina: hacia una teología posfundacional de lo público*. Madrid/Buenos Aires: Miño y Dávila, 2016. p. 34s.

neas, no âmbito público. A partir disso, o autor propõe uma Teologia Pública pós-colonial, ressaltando uma Teologia sobre Deus, como uma pós-colonização do divino.

O terceiro artigo, *Teologia do reconhecimento: provocações decoloniais e a ética do bem comum*, foi escrito por Carlos Alberto Motta Cunha. O autor propõe uma intelecção da fé em perspectiva decolonial, uma “teologia do reconhecimento”. Cunha pretende repensar não só a epistemologia da teologia, mas também sua tarefa frente à colonização dos excluídos. Tomando por base Juan Luis Segundo, pensa, assim, uma libertação da própria teologia, como caminho para a construção de outro mundo possível.

O quarto artigo, intitulado *Prayers of the Precariat? The Political Role of Religion in Precarious Times* [Orações do precariado? O papel político de religião em tempos precários], escrito por Sturla J. Stålsett, apresenta e discute o uso de Guy Standing do conceito “precariado” e sua possível utilidade na análise do papel da religião nas atuais crises políticas. Stålsett combina o conceito clássico marxista do “proletariado” com experiências de precariedade no mundo globalizado de hoje. O autor amplia o conceito para o âmbito da religião e da religiosidade (fundamentalista, carismática, libertacionista), cuja relevância nas condições precárias de vida tem se intensificado (Inglehart e Norris), afetando os processos políticos.

A seguir, João Luiz Correia Júnior aborda o tema na perspectiva da teologia bíblica: *A decolonialidade da Teologia na América Latina e seus fundamentos bíblicos*. Segundo o autor, a decolonialidade, do ponto de vista acadêmico, é uma ferramenta de análise para estudo crítico da relação entre áreas do conhecimento e colonialidade. Com base nessa premissa, o autor demonstra que, a partir de fundamentos bíblicos, a teologia desenvolvida na América Latina, tanto católica como protestante, alicerçou uma reflexão teológica madura e uma prática missionária contextualizada, voltada para enfrentar os desafios socioeconômicos, sociopolíticos e socioculturais do continente.

O sexto artigo, *Teologia litúrgica da libertação*, de Cláudio Carvalhaes, aborda o tema do dossiê em diálogo com a liturgia. Carvalhaes propõe, através de recursos teóricos e metodológicos, a criação de uma teologia litúrgica da libertação. Segundo ele, a teologia da libertação latino-americana forjou um vasto campo de conhecimento teológico, mas nunca esteve plenamente interessada no campo da liturgia. Para tal, o autor busca um outro entendimento da liturgia para além da mera repetição da tradição, como lugar onde a vida toda é vivida em cantos, orações e rituais, onde o cotidiano e as creanças populares são assumidos.

Por último, neste dossiê, o artigo de Marcelo Ramos Saldanha, intitulado *Um teatro “não espetacular”*: para além da catarse colonial, retoma concepções do teatro de Augusto Boal. Segundo Saldanha, o teatro “não espetacular” de Boal é uma potente forma de superação da catarse do teatro aristotélico, entendido, no artigo, como um teatro colonial. O artigo busca, assim, compreender como a estética do Teatro do Oprimido se constitui como uma poderosa ferramenta para a gestação de novas estéticas, provenientes dos espaços limítrofes, nos quais as pessoas que antes eram espectadoras passivas assumem sua teatralidade, construindo realidade e questionando a relação das verdades prontas.

A seção **Teologia e Interdisciplinaridade** começa com uma variedade de textos que adotam uma perspectiva ecumênica – tanto em termos de confessionalidade, quanto em termos de preocupação pela *oikoumene*, o mundo habitado. Andreas Müller apresenta em seu texto, “*Tudo isso é adorno para o lugar...*” *O grande projeto diaconal e caritativo de Basílio de Cesareia*, o projeto de Basílio Magno, fundado antes de 370 da nossa era, chamado por Gregório de Nazianzo de “maravilha do mundo”. Associado a uma vida conventual, servia como hospedaria, hospital e casa para a acolhida de pessoas pobres. Enquanto os três elementos de serventia podiam seguir modelos preexistentes, sua combinação foi inovadora. Característica peculiar foi, para Müller, a perspectiva de uma vida radical conforme o Evangelho, que transformou uma instituição para pessoas carentes e excluídas num “adorno para o lugar”, propiciando, além da assistência pública, um encontro com Deus.

A seguir, Elias Wolff retoma o tema árduo, mas por isso mesmo importante de *Sacramentos e ecumenismo – questões sobre o significado, a instituição e o número dos sacramentos*. Na busca de uma compreensão ecumênica dos sacramentos, sinais da graça de Deus, ressalta a capacidade destes, no meio de todas as divergências confessionais, indicadas no próprio título, e sem necessidade de se obter uniformidade na forma de celebrar a fé, congregarem na comunhão da fé em Cristo todas as pessoas crentes. Ressalta o autor que o Espírito Santo atua por meio dos sacramentos, mas também os transcende, estando acima da doutrina.

Marcial Maçaneiro, Jefferson Zeferino e Vitor Hugo Lourenço continuam o tema da graça de Deus como “elemento fontal”, sendo a gratuidade o horizonte de uma “convivialidade ecumênica”. Desenvolvem os autores seu argumento no âmbito do jubileu da Reforma em seu texto *O testemunho da graça no contexto da comemoração da Reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano*, com enfoque no recente documento, resultado do diálogo católico-luterano, *Do Conflito à Comunhão*, na Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, e na teologia de Karl Barth em sua abordagem do primeiro mandamento como axioma teológico.

O próximo texto, da autoria de Valdir Stephanini e Julio Cezar de Paula Brotto, discute a também espinhosa questão: “Podem ser considerados protestantes os batistas?”. Abordando várias formas clássicas de autocompreensão dos batistas, de sucessionismos orgânico ou espiritual baseados em sua compreensão do Novo Testamento, ou historicamente por meio do parentesco com os anabatistas da época da Reforma protestante ou com o separatismo britânico, os autores defendem como “única resposta possível” que os batistas “têm sua origem histórica no movimento reformador”. Sistemáticamente falando, os batistas compartilham importantes doutrinas da Reforma, nomeadamente a justificação por graça mediante a fé, a autoridade da Bíblia e o sacerdócio universal dos crentes.

Em mais outra perspectiva, após abordagens católicas, luteranas e batistas, temos em Adriano Sousa Lima uma contribuição pentecostal, intitulada *A teologia trinitária como contribuição para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro*. Recorrendo a teólogos pentecostais, especialmente Amos Yong e Stanley Horton, bem como aos teólogos reformados Jürgen Moltmann e Karl Barth, o autor defende a experiência cristã como essencialmente trinitária. Com Yong, insiste que é a partir

desta que se pode desenvolver uma teologia pentecostal do diálogo inter-religioso, necessidade inegável dos dias de hoje e uma obrigação também para a teologia pentecostal, considerando-se que o Espírito promove unidade e comunhão.

O texto que se segue apresenta uma pesquisa empírica, realizada em 2014, com 278 agentes de pastoral da Diocese de Jacarezinho/PR, sob o título de *O acolhimento da gravidez em comunidade cristã: os desafios da responsabilidade parental*. Mário Antônio Sanches e Luiz Fernando de Lima demonstram como a acolhida da primeira gravidez se dá predominantemente como de alegria. Mesmo assim, há uma porcentagem expressiva de pessoas que, em desconpasso com a atitude proposta pela doutrina católica, demonstram preocupação, surpresa ou até revolta. Há despreparo em gravidez precoce, descompromisso masculino e preocupações sobre sustento, que explicam em parte essas atitudes. Mostra-se como o planejamento familiar, a estabilidade do ambiente familiar e a parentalidade responsável são fatores importantíssimos para a boa acolhida da criança e, por extensão, radicadas “numa compreensão profunda da vida e de seu significado”.

Breno Martins Campos e Ceci Maria Costa Baptista Mariani tratam do saudoso teólogo, psicanalista, educador e poeta Rubem Alves em *Lições do abismo: reflexões sobre teologia, mística e poesia em Rubem Alves*, encontrando fortes traços místicos na teopoética deste. Conforme a autora e o autor, Alves encontrou “na poesia a forma privilegiada de expressão [...] da experiência espiritual do mistério que se dá no corpo”. Habitante do mundo protestante, mas com fortes críticas ao protestantismo da reta doutrina focado na linguagem da ortodoxia, descobriu a mística e a poesia como forma libertadora de viver a fé e desenvolver teologia como “poema do corpo”.

Konrad Schmid, em seu artigo *Os primórdios da religião politizada: a teologização de conceitos políticos imperiais no Israel antigo*, mostra como os textos bíblicos refletem forte influência de conceitos e realidades políticas dos impérios do seu tempo. Ao mesmo tempo, porém, os transformou: a lealdade absoluta devida ao rei da Assíria tornou-se lealdade exclusiva ao Deus de Israel em Deuteronômio. Já o Documento Sacerdotal (P) está de acordo com a ideologia plural e tolerante do império persa, valorizando a língua, cultura e religião de cada nação (cf. Gn 10). Descobre-se o elemento subversivo da primeira – somente Deus é verdadeiro soberano, nenhum soberano humano é absoluto, o que, evidentemente, também pode criar um exclusivismo intolerante e problemático – e o elemento tolerante da segunda postura. De qualquer forma, à época como hoje importa destacar que não são “ideias e dogmas como tais, mas suas interpretações” que mostram “seu valor ou dano duradouro”, processo avaliativo e interpretativo esse que já ocorre dentro da própria Bíblia.

O artigo seguinte, da autoria de Jorge Martins de Jesus e Walter Ferreira Salles, monta um *Esboço teórico para uma sociologia do movimento de Jesus a partir da tese de Gerd Theissen*. O movimento de Jesus, como descrito pelo professor de Novo Testamento da Universidade de Heidelberg, na Alemanha, foi um radicalismo itinerante de pregadores carismáticos. Como tal, configurou-se como realidade não somente religiosa, mas histórico e socialmente situada, atuando como “fenômeno religioso de transformação social”, com destaque à sua proposta da solução de conflitos de forma não violenta, mas político simbólica. Defendem os autores a importância da

“ideia e visão” do Reino de Deus como “ferramenta poderosa de ação e estruturação social”, projetando uma imagem ideal da sociedade, permitindo variabilidade e criatividade. Vislumbra-se importantes aprendizagens, a partir desta abordagem, tanto para a religião quanto para a sociedade, também no Brasil de hoje.

Parte da sociologia e da antropologia o artigo seguinte, da autoria de Rafael Cerqueira Fornasier, intitulado *Liberdade, relação, pertença e dom na família: contribuições da sociologia de Pierpaolo Donati e da filosofia de Francesco Botturi*. Os dois teóricos sustentam uma “insubstituível contribuição da família” para o conhecimento do ser humano sobre si mesmo e sua plena realização. Dentro desta visão, afirma-se a liberdade não apenas como escolha e autonomia, mas como responsabilidade pelo, dependência do e pertença ao outro, numa reciprocidade desinteressada e aberta ao transcendente.

A seção **Ciências da Religião e Interdisciplinaridade** apresenta dois artigos. Helmut Renders analisa *Axilografia* Os três caminhos para a eternidade, de *François Georjin: uma expressão da cultura popular católica no século 19*. Recorrendo à teoria de Ernst Panofsky, demonstra que há afinidade iconológica (a diagnose das atitudes e valores que norteiam obras de arte) com outras artes do mesmo século e de anteriores que tratam dos caminhos – estreito e largo – para a salvação ou para a perdição, respectivamente, sendo de artistas de diversas confessionalidades. A arte em pauta apresenta três caminhos: o caminho direto à Trindade; o caminho que conduz à morte; e o terceiro, que leva diretamente ao inferno. Mesmo católico, o artista produziu um quadro no qual se deixa entrever críticas à restauração clerical e conservadora pós-napoleônica. Chama a atenção de que não há referência aos sacramentos, nem a Maria, nem ao purgatório, nem ao limbo e nem ao magistério. Mesmo onde aparece uma figura sacerdotal, parece exercer um ato de penitência, de muita ressonância no catolicismo leigo e popular. Assim, apresenta-se uma proposta de espiritualidade mais popular, menos institucional, sob influência do imaginário da modernidade com sua insistência na responsabilidade individual. Tal cultura visual religiosa, defende o autor, estava presente tanto no imigrante católico quanto no protestante que chegou ao Brasil.

Oswaldo Luiz Ribeiro, em sua *Hipótese de intertextualidade de Jr 4,5-31 em Gn 1,1-24b*, argumenta que é possível e até provável que a “descrição” em Jr 4 e a “criação” em Gn 1, ambas com muitas coincidências lexicológicas e semânticas, está em relação invertida ao consenso da pesquisa: talvez não tenha sido Jr 4 se servindo de Gn 1, mas vice-versa, uma vez que é consenso que Gn 1 é cronologicamente posterior ao livro de Jeremias. Além disto, o chamado “caos informe” (*tohu wa bohu*, expressão encontrada nos dois textos em pauta), segundo o autor, não trata propriamente do universo como um todo, mas do “ecúmeno judaíta”, sendo que Gn 1 não descreveria a “criação”, mas a reconstrução de Jerusalém, de cuja destruição tratara – conforme a hipótese do artigo – Jr 4.

Este conjunto de instigantes textos é encerrado pela resenha crítica de Roberto Zwetsch sobre a teologia política como apresentada por Merio Scattola em seu livro de 2009. Ao longo deste segundo volume dos Estudos Teológicos de 2018, há várias intertextualidades políticas e religiosas que emergem da leitura dos seus 20 artigos, de importância, assim nos parece, tanto histórica como contemporânea. Desejamos boas leituras, reflexões e, quiçá, ações decorrentes!